UMA PENA DE OURO

JOSÉ WALDO RIBEIRO RAMOS

Anselmo Fraga é o pseudônimo em que se ocultou nas letras cearenses Atualpa Barbosa Lima, cuja obra social e literária merece aqui relembrada. Quando o conheci e privei de sua intimidade, senti estar diante de um homem de sólida cultura científica e literária que, se alcançasse a maturidade da vida e tivesse ambições de glória, conquistaria posição de remarcado relêvo nas letras pátrias. Entretanto, ninguém foi mais indiferente e desprendido de vaidade, distinguindo-se por uma simplicidade admirável, uma fidalga modéstia, que o levava a preferir aos elogios fáceis o recato e o silêncio em que trabalhou até os últimos instantes, com a serenidade e convicção de quem não quer se apressar na realização de seu destino.

Para êle tinha importância definitiva a segurança dos meios que devia empregar na execução dos fins que desejava atingir.

A êsse espírito brilhante aliava-se um coração cheio de bondade, que sempre tinha uma palavra amiga e carinhosa para quantos o procuravam cônscios de encontrar nos seus conselhos solução para um caso aflitivo. Nunca o vi repelir ou afastar de si quem se lhe aproximasse: era a mão dadivosa que estendia para a caridade ou o coração magnânimo que se abria para abrigar no seu amor os pequenos e os infelizes.

Na rua, quando parava numa esquina ou sentava-se a uma banca de café, formava-se-lhe em tôrno um grupo, atraído pela simpatia que dêle irradiava, e, sempre, com o maior acatamento e respeito, era ouvida sua palavra, porque sabia dizer com graça e simplicidade, fôsse mesmo árido e desinteressante o assunto. Nessas rodas, inúmeras vêzes estive e gostava de ouvi-lo falar. Entre os de sua geração, de nenhum me recordo, cujo espírito e inteligência fôsse mais arguto e perspicaz.

Ainda muito moço e devotado à ciência médica que abraçara, se lhe tem sido propício o destino ou não juncasse de urzes o caminho que palmilhara, decerto, deveriam nossas letras à sua pena estudos

de mérito incontestável, não só porque era notável sua cultura geral, senão porque era verdadeiramente um intelectual.

Literato e cientista, deixou numerosos esparsos de jornal e uma obra valiosa, hoje rara, que, se não é rigorosamente uma jóia, um modêlo de linguagem, é, entretanto, um grande livro que atesta ter-se perdido em Atualpa Barbosa Lima um grande escritor.

Refiro-me a *"Memórias de um leproso"*. Escrito em linguagem incisiva e forte, representa êsse livro uma eloqüente contribuição às letras cearenses, porque a vivacidade das tintas e a forma elegante e sóbria, bem que não denotem o rigor clássico da palavra trabalhada a capricho, revelam correção e segurança na elaboração do pensamento.

Na história da literatura cearense só um livro se lhe pode comparar, em que a miséria humana surja na sua maior rudeza — é "VIOLAÇÃO", de Rodolfo Teófilo.

"MEMÓRIAS DE UM LEPROSO" é, antes e acima de tudo, um livro profundamente doloroso. A exuberância da linguagem imaginosa e colorida, em que o entrecho se desenvolve com uma naturalidade que encanta, oferece um cenário lúgubre onde se movimentam sombrios personagens que nos impressionam como se tivessem existência real. O tipo criado pelo escritor, face à precisão dos detalhes de sua figura, nesse meio de dor e de miséria, interpreta cenas de uma dramaticidade, que se destacam aos nossos olhos, hediondas, tremendas, como as dêsses dramas horrorosos de uma interpretação de BORIS KARLOFF. Por isso, "MEMÓRIAS DE UM LEPROSO" continua, até aqui, na literatura cearense, como um livro único.

A emoção que experimenta o leitor ao encerrar cada capítulo dessa pequena grande novela, que ATUALPA BARBOSA LIMA escreveu, embebendo a pena na dor humana, é de tal maneira profunda, que abala os centros nervosos da mais rija organização psicológica.

As cenas se sucedem tão vívidas, tão naturais, tão verdadeiras, tão simples, que, aos nossos sentidos, afigura-se-nos estar vendo e ouvindo, no decorrer da leitura, andar e falar o personagem central dêsse terrível drama em que se debate a alma de um homem, que para sempre viu sumir-se a felicidade, sem ao menos um tênue vislumbre de esperança.

Essa linguagem adorável de simplicidade e de clareza ainda mais acentua a tragédia humana que constitui o entrecho dêsse livro.

A propriedade da expressão dá a cada palavra uma significação de justeza, de medida exata, que, sutilmente, quanto mais vai alcançando o leitor a parte principal da narração, mais lhe permite conhecer e apreciar, através delicadas gradações, as qualidades do escritor, o seu temperamento de artista que se trai na maneira de combinar as tintas para o colorido da expressão e beleza da forma.

O estilo na obra de arte tem o mesmo valor de um raio de sol

sôbre a paisagem. Dá-lhe vida, côr, salienta detalhes, mostra alternativas e contrastes de que depende naturalmente a harmonia. O estilo de Anselmo Fraga é delicado, não revela tortura nem preocupação: é a música natural da expressão, o resultado de um complexo de atributos psicológicos, que alça o artista a um plano superior, exaurindo-lhe muita vez a alma martirizada na divina angústia do belo imortal.

Como instrumento de arte, alcançam o mesmo fim a pena, o escopro, a lima, o buril: enquanto êstes mordem a rocha e daí arrancam a estátua — um poema de pedra —, a pena traça no papel, à mercê da emotividade do artista, um monumento de palavra em que se corporiza a formosura do pensamento.

"MEMÓRIAS DE UM LEPROSO" não é uma criação, um assunto original, mas tem um estilo. E o estilo a perpetuará. O episódio aí romantizado por ANSELMO FRAGA é um quadro da vida real, talvez observado e estudado na sua clínica. É o que deixa compreender o enrêdo mais ou menos assim: Henrique, o personagem central da novela, nos seus tempos de acadêmico, na Cidade Maravilhosa, deixara-se embalar pelos carinhos de uma gentil menina até que um dia Marta, (êste era o seu nome), vindo onde êle estava, lhe mostrara aflita, lívida, transfigurada, descobrindo o colo alvíssimo até a raiz do seio, uma grande mancha avermelhada, estigma tremendo do mal da morte! Ruíu nesse instante todo um castelo de sonhos lindos que haviam construído sôbre os sonhos azuis da mocidade. Retornando à terra natal, após o falecimento do velho pai, metera-se Henrique à direção dos negócios da família e mais tarde construíra um lar cheio de carinho e de amor, onde uma espôsa e dois filhinhos lhe davam o encanto de uma felicidade sem fim. E os anos passaram. Às vêzes, mergulhando num passado longínquo, revivia o delicioso perfil de Marta, e, nesse enlêvo, um ao lado do outro, reliam ambos as páginas amareladas dêsse romance de amor que o tempo arrefecera e a desgraça para sempre arruinara...

Que doloroso o despertar dêsses sonhos! Um dia, descobre Henrique uma mancha no braço esquerdo. Num relance volveu ao passado e concluíu que estava leproso, pois que sempre viveu receoso do contágio daquela que Marta lhe mostrara e, assim, sucumbido de dor, dirige-se ao médico a quem conta a sua história para instruí-lo. Confirmadas as suas suspeitas, daí por diante foi-lhe a vida uma tormenta da qual só a morte o redimiu.

As páginas em que descreve a dúvida, a esperança, o receio de ir ao médico, a confiança de que não contraíra o mal da morte, a felicidade do lar, os amigos, os negócios e planos do futuro são páginas que não podem ser mais emocionantes, escritas com o aprumo, a segurança, a precisão de um mestre consumado no manejo da língua.

São páginas de uma tragédia tão bem delineada como as de Edgar Poe.

Permita-me o leitor transcrever aqui duas dessas páginas; leia-as e julgue:

"Ao avistar minha casa, três vêzes tentei recuar; houve uma delas em que minha tensão nervosa era tal, que dei um grito, sem me sentir, verdadeiro rugido de fera, estrangulado à flor dos lábios, numa crispação violenta e indescritível!...

Já não respirava direito. A opressão dominava-me em absoluto, tinha o coração a rebentar, o cérebro a arder como um brasido imenso.

Agarrei-me às grades do jardim, para amparar-se, e só dei acôrdo de mim, quando um grito frêsco, cheio de alegria, encheu-me os ouvidos: papaizinho, o papaizinho chegou!...

Quatro braços pequeninos, abertos em cruz, dirigiram-se para mim. Recuei espavorido, como a querer fugir ao crucifixo daqueles bracinhos inocentes, vibrantes de alegria franca e estonteadora.

Duas cruzes para um só morto, pensei, cruzes deliciosas, à sombra de cuja proteção eu quereria viver eternamente!..."

. . . . . .

"Dissipou-se o meu susto, como por encanto, só me restando no espírito a lembrança pertinaz da mancha de Marta. Tanto que, à noite, sonhei que ela me beijava. Não sei porque, mas os seus beijos não possuíam aquela doçura dos tempos antigos; eram ásperos e agressivos, como se fôssem dados por uma bôca descarnada. Agora, os seus olhos, de azuis que eram, tornaram-se embaciados, tristes, frios, deixando escoar-se pelas pálpebras desguarnecidas de cílios tôda a amargura de um coração angustiado.

Marta transfigurava-se. Os cabelos loiros eram pouquíssimos, o olhar sem expressão, a bôca ulcerada, as orelhas descomunalmente grandes! No lugar do nariz, uma grande úlcera deixava ver, no fundo, um corpo vermelho a mover-se inquieto, anegado em uma baba sanguinolenta: era a língua ainda não atingida pela voracidade dos bacilos malditos.

Eu me sentia agarrar por aquela figura horripilante. Transido de mêdo, a balbuciar palavras de misoricórdia e de perdão, procurava desgarrar-me de seus braços longos, frios, esganiçados. Sentia uma fôrça estranha dominar-me todos os movimentos e que êles, volutuosos, enolvelavam-se no meu pescoço como serpentes malditas que me quisessem matar, em hórrida constrição; afinal, depois de um esfôrço hercúleo, reunidas tôdas as minhas fôrças numa ânsia de libertação indescritível, soltei um grito desesperado que mais parecia um rugido.

Semiacordado, molhado de suor, pulei da cama e pus-me a correr pelo quarto, numa fuga desordenada daqueles trapos humanos.

Lá fora, os pássaros anunciavam a madrugada e, ouvindo-os, espertei de uma vez daquele mortificante pesadelo".

Não sei se concorda o leitor com a minha opinião, mas, para mim, o vigor do colorido, a singeleza da narração, a segurança do estilo autorizam ajuizar que "MEMÓRIAS DE UM LEPROSO" é uma grande obra, escrita com todo o entusiasmo de uma inteligência cintilante, que não teve um escopo ùnicamente literário. É necessário olhar o prisma pròpriamente humano. Abnegado e prestimoso, devotado ao bem-estar de sua terra e de sua gente, leprólogo de valor indiscutível, num gesto nobre de renúncia ao confôrto da metrópole, viajou os sertões ingratos, queimados de sol, através caminhos angustos e poeirentos, para levantar o primeiro censo estatístico dos doentes do mal de Hansen. Por isso "MEMÓRIAS DE UM LEPROSO" é também um grito de alarme prevenindo os responsáveis pelos destinos da coletividade social.

Ao tempo em que o publicou ANSELMO FRAGA, o problema da lepra preocupava a ciência, máxime do Ceará, e, assim, contribuíu êsse grande patriota, a quem outros se aliaram, para uma solução tranquilizadora, que fêz surgir mais tarde, a alguns quilômetros de Fortaleza, num recanto quieto da baixada litorânea, o retiro de Canafístula, onde são hoje internados e entregues aos carinhos de uma santa os irmãos de Lázaro.